

Coautoria em Administração Uma Análise da Posição Autoral

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2019.48.52-70>

Recebido em: 24/9/2018

Aceito em: 26/3/2019

Lucas Daniel Ramos Ribeiro¹, José Eduardo Storopoli²
Julio Araujo Carneiro da Cunha³

RESUMO

Esta pesquisa é sobre o papel da ordem de autoria de professores-pesquisadores da área de administração em suas publicações e quais fatores podem influenciar esta ordenação, além de propor um método de mensuração da ordenação autorial. Os fatores propostos que influenciam tal ordenação são: (1) experiência na carreira; (2) liderança em grupos de pesquisa; e (3) formação acadêmica. A amostra foi obtida de 16 programas de Mestrado e Doutorado acadêmicos em Administração no Estado de São Paulo, totalizando 329 professores-pesquisadores e mais de 2.200 publicações. Os resultados mostram que tanto a experiência do professor-pesquisador quanto a liderança em grupo de pesquisa e sua formação acadêmica, os leva a atuar mais no papel de gestor (último autor) do que como executor (primeiro autor). Concluímos que, atualmente, as pontuações sobre pesquisadores feitas quadrienalmente pela Capes, e as demais utilizadas pelas instituições de ensino na área de administração, não diferenciam o autor em sua posição no artigo. Essa postura traz benefícios e desvantagens. O principal benefício é que se evitam comportamentos oportunistas entre os autores na definição de ordem de autoria; a principal desvantagem é que não se diferenciam os esforços distintos de cada autor na realização do trabalho científico.

Palavras-chave: Coautoria. Ordenação autorial. Experiência acadêmica. Pesquisa em administração.

CO-AUTHORSHIP IN MANAGEMENT: AN ANALYSIS BASED ON THE AUTHOR'S POSITION

ABSTRACT

This research deals with the role of the authors in the field of management in their publications and what factors may influence the ordering of the authors in their publications, we also propose a method to measure author ordering. There are three factors influencing author ordering: (1) career experience; (2) leadership in research groups; and (3) academic background. We analyzed 16 postgraduate programs in management in the state of São Paulo – Brazil, an extant of 329 scholars and more than 2,200 publications. The results show that both scholars' experience, leadership in research group, and academic background lead them to act more as a manager (last author) than as an executor (first author) in their publications. We conclude that, currently, the scores on researchers made by Capes every four years, and the others used by educational institutions in the area of administration, do not differentiate the author in his position in the article. This posture brings benefits and disadvantages. The main benefit is to avoid opportunistic behavior among authors in the definition of authorship order; the main disadvantage is that the distinct efforts of each author in the performance of the scientific work are not differentiated.

Keywords: Co-authorship. Author positions. Academic background. Research in management.

¹ Mestre em Administração de Empresas pela Universidade Nove de Julho (Uninove). Aluno de Doutorado em Administração pela Universidade Nove de Julho (Uninove). lucasdaniell@gmail.com

² Doutor em Administração pela Universidade Nove de Julho (Uninove). Professor da Universidade Nove de Julho (Uninove). josees@uni9.pro.br

³ Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Nove de Julho (Uninove). juliocunha@yahoo.com

Os programas de Pós-Graduação *stricto sensu* têm como objetivo formar mestres e doutores que, além de atuarem como professores, possam também contribuir com pesquisas na geração de novos conhecimentos e em novas aplicações de conhecimentos já existentes. A autoria destas pesquisas é o ponto central da discussão deste trabalho, que aborda um aspecto que, embora pouco discutido no Brasil na área de administração, é bastante discutido em outros países desde os idos dos anos 60, como em Zuckerman (1967) e Serra e Ferreira (2015).

Costas e Bordons (2011, p. 147) ressaltam que “a autoria científica tem importantes implicações na ciência uma vez que reflete a contribuição para a pesquisa de diferentes pesquisadores e é considerada para avaliação de comitês em processos seletivos de candidatos”. Outros autores, como Uddin *et al.* (2012), sugerem que a “autoria é particularmente importante em disciplinas científicas onde há um aumento de grupos de pesquisa”, o que leva a trabalhos coautorados que, muitas vezes, não apresentam regras para o estabelecimento da participação de seus autores (KWOK, 2005; LEE; BOZEMAN, 2005; BIRNHOLTZ, 2006; UDDIN *et al.*, 2012; VINTHER; ROSENBERG, 2012; JIAN; XIAOLI, 2013). Além disso, as políticas e práticas voltadas a estabelecerem regras de governança sobre as diretrizes de coautorias estão defasadas em relação aos problemas aos quais os pesquisadores vêm se deparando (GOLLOGLY; MOMEN, 2006; LOUIS *et al.*, 2008). Observa-se, portanto, uma lacuna nestes casos por não haver uma regra amplamente institucionalizada que respalde os pesquisadores perante seus problemas de coautoria rotineiros. Atrelada a essa diversidade de definições sobre coautorias dentre os periódicos e códigos de ética que abordam essa questão (BOŠNJAK; MARUŠIĆ, 2012), há também uma escassez de critérios de coautoria explícitos em grupos de pesquisa das universidades (CUTAS; SHAW, 2015), o que se repete na área de administração no Brasil.

No contexto nacional, dentre os 55 periódicos nacionais em administração, turismo e contabilidade classificados no *Qualis-Capes* nos extratos A2 e B1 (de maior qualidade), verificamos que são raros os casos em que se estabelecem critérios editoriais para as coautorias e, quando eles existem, são vagos. Averiguamos que 53 não apresentam qualquer referência sobre quais critérios os autores de suas revistas devem seguir para definir a ordem das coautorias de seus trabalhos. Amplamente percebe-se que não há esforços em estabelecer diretrizes para ordem de coautorias, tampouco aprofundamento sobre o que se considera exatamente ser uma contribuição, deixando esse critério para que os autores decidam sem qualquer orientação explícita.

Um dos conceitos importantes para a compreensão da coautoria é a posição autoral, definida como a ordem em que os nomes são apresentados na autoria dos trabalhos científicos (WREN; KOZAK, 2007; DU; ZHANG; LI, 2011; MATTSSON; SUNDBERG; LAGET, 2011). Observa-se, todavia, uma importante lacuna: estudos aprofundados em critérios de definição de posição autoral na área de administração ainda não foram elaborados no Brasil. Justifica-se esta lacuna por haver sido encontrados trabalhos, como os citados supra, que discutem essa temática no âmbito internacional, mas, no Brasil, ainda não se trouxe à luz da academia uma discussão sobre o tema e a importância de se olhar com cautela para as coautorias. Isto é necessário para termos maior preocupação na definição de critérios e diretrizes de coautoria amplamente aceitos.

O número de trabalhos publicados em coautorias vem ganhando maior proporção nas últimas décadas, de forma que na área de administração eles representam cerca de 77% dos artigos publicados, um aumento de 40% desde o início de 1970 até o início dos anos 2000 (MANTON; ENGLISH, 2007). De fato, numa lógica argumental baseada em quantidades absolutas, quanto mais colaboradores um pesquisador tem maior tende a ser a quantidade de seus trabalhos publicada em periódicos científicos (ZUCKERMAN, 1967; LEE; BOZEMAN, 2005), principalmente nos de alta qualidade (SEIBERT *et al.*, 2014). Essa maior presença de autores, no entanto, torna mais difícil de identificar a real contribuição de cada autor (MATTSSON; SUNDBERG; LAGET, 2011).

O nosso objetivo é relacionar a experiência, a liderança em grupos de pesquisa formais e a formação do pesquisador em Administração com sua posição autoral em suas publicações. Pretendemos, com isso, entender se os pesquisadores mais experientes ocupam o papel de mentor em pesquisas ou se o pesquisador continua sendo executor ao longo de sua carreira. Selecionamos uma amostra de 16 programas de Mestrado e Doutorado acadêmicos em Administração no Estado de São Paulo, com um total de 329 professores-pesquisadores que publicaram mais de 2.200 artigos. Os principais resultados mostram que, tanto a experiência quanto a liderança e a formação dos pesquisadores, impactam significativamente de maneira positiva na sua posição autoral, fazendo com que os professores-pesquisadores com mais experiências, ou líderes de grupos de pesquisa, ou com formação aderente à área, tenham maior prevalência de papel de gestor de suas publicações. Ou seja: eles atuam mais como últimos autores.

REVISÃO DA LITERATURA

Coautoria

Ferreira (2015, p. 17) diferencia as colaborações de coautoria dentre os autores experientes e os jovens pesquisadores, lembrando que os jovens podem ser mais “empenhados e comprometidos em avançar o artigo até sua publicação”, mostrando que eles assumem o papel protagonista na realização operacional da pesquisa. Essa ideia sustenta a percepção de que últimos autores costumam ser vistos como aqueles que têm pouca contribuição ao trabalho, realizando atividades como providenciar fundos, atuar como mentor de um laboratório ou grupo de pesquisa, supervisionar/orientar o estudo ou, ainda, pelo fato de ele ter uma posição experiente em relação aos demais autores (ZBAR; FRANK, 2011).

Outro fator que se pode observar é que, ao longo da carreira, um pesquisador tende a participar de trabalhos com uma maior quantidade de autores (RUTLEDGE; KARRIM; REINSTEIN, 2011). Isso pode se justificar pelo fato de que existe uma tendência do pesquisador em se tornar um gestor que agrega pesquisadores em seus projetos, ou, ainda, pelo fato de que a tendência natural das publicações científicas agrega mais autores diante de maior necessidade de complementaridade de *expertises* para condução de pesquisas. Para Jian e Xiaoli (2013), a colaboração existe porque permite haver maior encorajamento e entusiasmo na pesquisa por parte dos pesquisadores a ela ligados. Não se pode negar que trabalhos em colaboração tendem a ter mais sucesso e maior participação nas publicações internacionais de alto impacto.

Coautorias se justificam pelo incremento de qualidade do trabalho, uma vez que os pesquisadores podem complementar suas habilidades de pesquisa e avançar nas dificuldades em descrever lacunas de competências (FERREIRA, 2015). Outro conceito sugere que coautoria é a manifestação mais formal de colaboração intelectual em pesquisa científica. Ela envolve a participação de dois ou mais autores na produção de um estudo, o que leva a uma produção científica de maior qualidade do que poderia ser conseguido por uma pessoa (HUDSON, 1996). Observa-se que há um número maior de pesquisas sendo publicadas em coautoria e que, nessas áreas, onde há múltipla autoria, o sistema de creditar a autoria aos pesquisadores deve ser otimizado e solucionado (GREENE, 2007).

A produção científica liga diretamente o professor-pesquisador com o desenvolvimento de sua área de atuação na academia. Muitos professores optam pela publicação científica para conseguirem ingressar em instituições públicas ou em outras instituições em que o processo seletivo tem como diferencial priorizar aqueles com maior número de publicações – o que pode levar a maior incidência de coautorias com pouca ou nenhuma colaboração dos autores (ALBERT; WAGER, 2003; BENNETT; TAYLOR, 2003; KWOK, 2005; BOŠNJAK; MARUŠIĆ, 2012; CUTAS; SHAW, 2015).

Como pode ser observado no trabalho de Bennet e Taylor (2003), a publicação científica é fator decisivo apontado como critério de avaliação de mérito, contratação e ascensão profissional de docentes de Ensino Superior. De fato, esse contexto que pressiona a produtividade do professor-pesquisador já perdura há algumas décadas e, a partir dele, surgem pressões institucionais que levam à colaboração entre professores-pesquisadores, posto que essa colaboração pode otimizar a produtividade e o potencial de publicação de ambos (MCDOWELL; MELVIN, 1983).

Dessa forma, professores-pesquisadores, a partir do momento que ingressam em instituições que demandam maior produção científica de seu corpo docente, passam a sentir uma pressão institucional para publicação que interfere diretamente em seu trabalho rotineiro. Essas pressões são cada vez maiores segundo Serra e Ferreira (2015), e podem ser motivadas pelas instituições por diversos fatores, como a necessidade de manterem-se em alto nível de qualidade de corpo docente, o que impacta diretamente no índice geral dos cursos (IGC) oferecidos por essas instituições, por exemplo. Além disso, há outros indicadores que determinam a oferta ou não de cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* por instituições que têm um alto número de publicações de qualidade por parte de seus docentes e discentes, como nota de aprovação do curso, número de vagas a serem ofertadas para os cursos propostos e recursos financeiros e bolsas de incentivo à pesquisa para os programas de Pós-Graduação dessas instituições.

As pressões institucionais para a produção científica, como observado em Cronin (2012), ocorrem por fatores como o aumento da profissionalização da ciência pela maior quantidade de pesquisadores preparados para a produção acadêmica; o acesso ao apoio financeiro das agências de fomento aos projetos de pesquisa acadêmica; a pesquisa como um dos principais critérios de avaliação das universidades e dos programas de Pós-Graduação; a maior dificuldade de publicar em periódicos internacionais de renome; o aumento do rigor nos artigos para publicação; e a necessidade de coleta de grande quantidade de dados e informações.

O crescimento no número de publicações e no número de autores nessas publicações nos últimos anos tem sido representativo e mostra que as colaborações tendem a ser cada vez mais exploradas em busca de coautorias em trabalhos científicos. No trabalho de Manton e English (2007), os autores apresentaram uma visão do número de autores por publicação desde 1970. Nele, nota-se um forte aumento no número de autores por publicação, um decréscimo evidente no número de publicações com um só autor e um número significativo de mais de 2-3 coautores por artigo, contrastando com o trabalho de Gazni, Sugimoto e Didegah (2012), que aponta uma manutenção no número de autores nos últimos anos em diversas áreas do conhecimento.

Paralelamente a isso, a evolução da ciência na área de administração fez com que os conhecimentos se tornassem mais complexos. Isso resultou na necessidade de complementaridade de conhecimentos entre pesquisadores de diferentes *expertises* (MANTON; ENGLISH, 2006; MCDOWELL; MELVIN, 1983). Afinal, quanto mais dispersa for a similaridade de disciplinas entre os conhecimentos envolvidos num projeto, mais difícil é para a comunidade acadêmica entender o trabalho, mas, caso isso ocorra, o estudo tem maiores chances de ser bem-sucedido dentre os pares (LEAHEY; BECKMAN; STANKO, 2016). Paralelamente, o trabalho em parcerias complementares, ou mesmo em parcerias homogêneas, comumente faz também com que mais críticas sejam refletidas sobre o trabalho. Trabalhos em colaboração geralmente são formas também de se incrementar a qualidade do trabalho (LIU; OLIVOLA; KOVACS, 2016).

Outro interesse para coautoria é também a busca de associação com o coautor e com a área de pesquisa de um pesquisador mais experiente. Pesquisadores buscam maior centralidade na rede de autores de um determinado assunto temático ao se associarem com aqueles que são mais produtivos, podendo, assim, ter trabalhos mais citados (LI; LIAO; YEN, 2013), tal como grandes vantagens por terem maior centralidade de rede. Não se pode deixar de mencionar que a visibilidade em se estar participando de uma rede de contatos mais ampla é um fator importante para a escolha da coautoria (BEAVER; ROSEN, 1979). Isso vale, inclusive, não somente para a diversidade de autores, mas para a diversidade de instituições e de países dentre os autores. Esse é até um fator de avaliação de algumas revistas acadêmicas (tal como existem indicadores de heterogeneidade no *Scopus*, por exemplo), e isso pode impactar na escolha do pesquisador sobre se e com quem ele deve estabelecer parcerias de coautoria.

Considerando, portanto, que as escolhas sobre coautorias são pragmáticas e baseadas em elementos de auto-organização (MELIN, 2000), apresentamos no Quadro 1 uma sumarização das principais motivações que levam o professor-pesquisador a estabelecer relações de coautoria.

Quadro 1 – Motivações de estabelecimento de coautoria

Motivações de estabelecimento de coautoria	Referências base
Incremento da qualidade do trabalho	Liu; Olivola; Kovacs (2016)
Busca de complementaridade de conhecimentos	Manton; English (2006); McDowell; Melvin (1983)
Pressão institucional e busca de otimização do potencial produtivo	Ductor (2015); Serra; Ferreira (2015)

Algum grau de aprendizado com o coautor	Hart (2000)
Ganhos de rede e visibilidade em uma rede de contatos na qual o coautor participa	Acedo <i>et al.</i> , 2006; Li; Liao; Yen (2013)
Coerção proveniente de um coautor com mais poder	Melin; Persson, 1996
Acesso a algum instrumento, material ou base de dados	Melin (2000)
Presentear um colega	Manton; English (2006); Smith (1994)
Heterogeneidade na autoria e filiação do artigo	<i>Scopus</i>
Atual quantidade de autores no artigo	Liu; Olivola; Kovacs (2016)
Proximidade pessoal ou cultural	Jeong; Choi; Kim (2011)
Mentoria ou trabalho com diferentes níveis de conhecimento	Kram; Isabella (1985); Zbar; Frank (2011)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Políticas, Regras e Critérios

A falta de critérios para atribuição de autoria em trabalhos científicos pode, no entanto, trazer alguns casos à tona em que não há justificativa para se criticar ou apoiar tal acontecimento. Para ilustrar, em Cutas e Shaw (2015) são apresentados casos onde um cão, três macacos, um gato e um *hamster* foram atribuídos à coautoria de trabalhos científicos por pesquisadores que creditavam a eles uma participação importante no processo de pesquisa.

Por vezes, um dos papéis do primeiro autor é definir a ordem dos demais autores na pesquisa (ZBAR; FRANK, 2011). Isso ocorre porque, usualmente, o primeiro autor é aquele mais envolvido com a pesquisa e sua operacionalização, sabendo de mais detalhes e minúcias desse processo e, na maioria das vezes, eles são considerados inclusive os autores correspondentes para futuros contatos sobre a pesquisa (MATTSSON; SUNDBERG; LAGET, 2011). De fato, é importante que os critérios de ordem dentre os coautores estejam estabelecidos desde o início do trabalho, juntamente com a apresentação dos papéis de cada um no processo de pesquisa (definindo quem é o líder desse processo), no entanto, comumente essas regras não são explicitadas (FERREIRA, 2015). Cutas e Shaw (2015) afirmam que “práticas em coautoria não são uniformes” e as regras variam de acordo com as áreas de atuação dos pesquisadores. Há exemplos de pesquisas de autoria única, como na filosofia, mas há outros em que são encontrados milhares de coautores, como em Aad *et al.* (2012).

A discussão está em saber quem deve ser o primeiro, o segundo, o terceiro (ou mais) e o último autor. Como já comentado anteriormente, todavia, em alguns casos o último autor pode ser o principal pesquisador ou até mesmo o chefe do departamento ou laboratório ou o pesquisador experiente. Nesse caso, a última posição do autor é, portanto, uma indicação de prestígio (CUTAS; SHAW, 2015), independentemente de haver ou não quanto ela contribuiu para a publicação. Há casos, por exemplo, em que o autor que menos contribuiu assume a última posição (ZBAR; FRANK, 2011). Essa costuma ser a regra mais comum na área de administração, uma vez que o indivíduo que

mais trabalhou no artigo costuma ser colocado como primeiro autor (MANTON; ENGLISH, 2006). Stubbs (1997) e Waltman (2012) apontam ainda a existência de coautoria em ordem alfabética independente da contribuição de cada autor. Para alguns autores, o pesquisador que traz a ideia e consegue expor o problema de pesquisa deveria receber a maior relevância na autoria (PETROIANU, 2002). Por sua vez, outra linha de pensamento entende que o primeiro autor deve ser aquele que conduz a pesquisa de campo.

Cabe discutir aqui o papel dos *ghostwriters*, ou autores fantasmas. Estes são aqueles que participam do trabalho e, por vezes, até conduzem as tarefas de redigir os textos, mas que não recebem autoria na publicação (GONTIJO; VALE; MARQUES, 2007; MANTON; ENGLISH, 2007). Para esses casos, existem iniciativas voltadas a se mudar a ideia de autoria para a concepção de contribuintes de forma a lhes oferecer créditos e méritos de uma participação (RENNIE; YANK; EMANUEL, 1997).

Para Baruch e Hall (2004), a carreira acadêmica tem se aproximado da carreira corporativa quando as universidades cada vez mais se tornaram orientadas aos consumidores (alunos) e gerenciadas dentro de preceitos empresariais. Isso faz com que o papel do pesquisador-gestor ganhe maior relevância, dado que ele deve coordenar equipes funcionais para a conclusão de projetos, no caso acadêmico uma pesquisa.

Experiência

Neste trabalho, a experiência de um pesquisador é medida por meio de uma *proxy* relacionada ao seu tempo de atuação como doutor, seguindo assim a proposta de Lee e Bozeman (2005). As escolhas sobre a ordem de autoria de um estudo são aceitas de diversas maneiras, como a ordem alfabética dos nomes dos autores, que não representam nem 4% das publicações realizadas (WALTMAN, 2012) e a imposição da ordem por poder do pesquisador-chefe. Existe uma tendência internacional de que quanto mais o pesquisador consegue obter produtividade e notoriedade por suas publicações, mais ele ascende na sua carreira profissional (LISSONI *et al.*, 2011). Isto é, ele passa a ganhar mais dinheiro e relevância ao assumir um cargo de professor-pesquisador de maior senioridade.

Ainda que exista o fato de o jovem pesquisador ser submisso aos coordenadores e mentores de pesquisas e, por isso, aceite ser um dos últimos autores da publicação (CUTAS; SHAW, 2015), isso não costuma ser o comportamento mais comum. Costuma-se pensar que os pesquisadores mais jovens assumem papéis de protagonistas nos estudos por estarem mais dispostos a trabalhar mais em suas designações e tarefas da pesquisa (FERREIRA, 2015), enquanto os pesquisadores mais experientes, por sua vez, costumam ser vistos como aqueles que participam com outras funções majoritariamente de supervisão, posicionando-se como últimos autores (ZBAR; FRANK, 2011).

De fato, estudo bibliométricos que realizaram esse levantamento já comprovaram que pesquisadores mais jovens e com menor posição em avaliações acadêmicas tendem a se posicionar como primeiros autores, e aqueles mais velhos, que assumem papéis de supervisão, costumam ser últimos autores (COSTAS; BORDONS, 2011). É importante entender que ainda que exista diferença entre as áreas do conhecimento, esse comportamento, no geral, se mantém em todas as áreas (COSTAS; BORDONS, 2011).

Liderança em Grupos de Pesquisa e Formação Acadêmica

Na administração, sabe-se que os pesquisadores com mais pesquisas relevantes costumam estar mais interconectados com outros autores (ACEDO *et al.*, 2006). Isto é, existem grandes pesquisadores de destaque que lideram áreas do conhecimento e que trabalham, relativamente, com maior colaboração. Eles não trabalham isoladamente na administração. Entender o papel de liderança é algo relevante, posto que ele está trabalhando majoritariamente em colaboração.

Diante disso, a liderança que o professor-pesquisador exerce sobre grupos de pesquisa parece ser algo que influencia no posicionamento dos autores nos artigos. Entende-se que os líderes de grupos de pesquisa, dependendo do país, podem ser primeiros ou últimos autores (LIU; FANG, 2014). No Brasil especificamente, entretanto, esses líderes não costumam aparecer como primeiros autores. Espera-se que, caso o pesquisador seja o líder de um grupo de estudos, este tenha um papel de coordenar as pesquisas de seus orientados ou demais pesquisadores que participam desse grupo.

Paralelamente a isso, como já mencionado anteriormente, alguns desses líderes podem exigir que seus nomes sejam colocados nos artigos de seus colegas de grupo de pesquisa, mesmo que eles não tenham colaborado diretamente para a pesquisa (MELIN; PERSSON, 1996). Essa tensão de poderes parece ter grande influência em coautorias. Espera-se, no entanto, que menos comum seja que esse tipo de líder assumam um papel protagonista no artigo e, com isso, uma das primeiras posições de autoria na ordenação de autores na publicação.

Liderança de grupo de pesquisa, portanto, parece ser elemento que sustenta coautorias, ainda que essa relação possa ser participativa ou coercitiva. Em ambos os casos, esse líder atua como coordenador ou orientador de uma pesquisa maior. Com isso, espera-se que esse papel não o leve para uma posição inicial nos artigos de administração.

Adicionalmente, a formação acadêmica também é considerada uma variável importante porque, quando o pesquisador é formado em administração, ele tem maior propensão a ter aprendido conceitos de desenvolvimento de carreira corporativos. Isso implica que o pesquisador possa vir a ser tendencioso a aplicar os conceitos de desenvolvimento de carreira de organizações corporativas para a carreira acadêmica. Ademais, quando o professor tem um conhecimento externo da administração específico como estatística, psicologia ou sociologia, ele pode participar constantemente de trabalhos oferecendo pontualmente suporte em questões de sua especialidade (MANTON; ENGLISH, 2006; MCDOWELL; MELVIN, 1983). Por isso, o pesquisador de fora da área de administração pode ter um papel de suporte e complementaridade em trabalhos de outros pesquisadores. Ainda, pesquisadores formados em outras áreas podem ter tradições de pesquisa e *mindsets* sobre coautoria diferentes, conforme sua prévia formação e possível atuação antecedente em outras áreas.

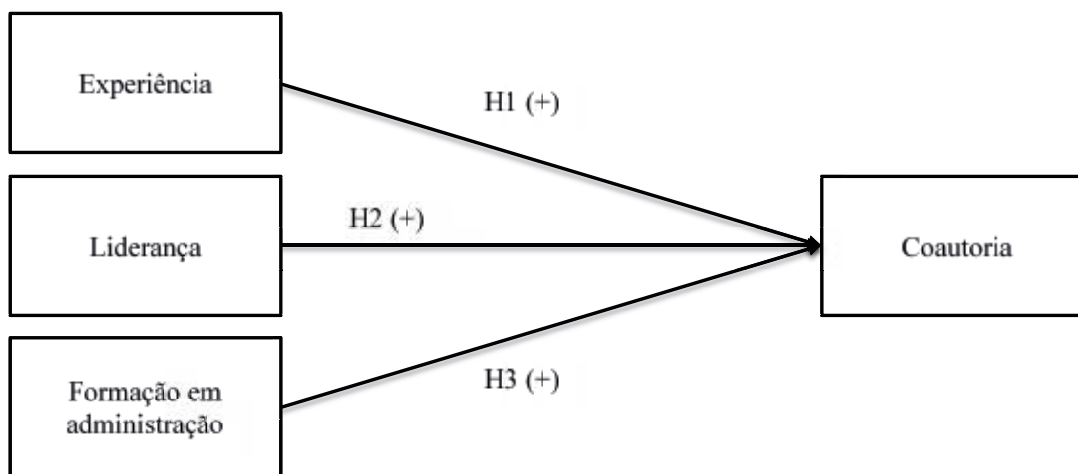
FRAMEWORK DE PESQUISA E HIPÓTESES

O conceito de experiência foi abordado no trabalho de Costas e Bordons (2011), e serviu para a definição deste conceito no referencial teórico deste trabalho. Observando-se principalmente o conceito de Costas e Bordons (2011), sugere-se que, quanto mais anos como doutor, o professor-pesquisador tem maior probabilidade de atuar como gestor em suas publicações. A primeira hipótese, portanto, sugere que a experiência do professor-pesquisador está positivamente relacionada com a sua posição *byline* nas publicações.

A segunda hipótese deste trabalho apresenta a discussão sobre a relação entre a liderança de grupo de pesquisas e a posição *byline*. No trabalho de Liu e Fang (2013) é apresentada a importância do líder para grupos de pesquisa e, conseqüentemente, para a produção científica e as contribuições dos autores desses grupos. Assim, a segunda hipótese elucida uma relação positiva entre liderança e posição *byline* nas publicações.

Seguindo a mesma lógica de experiência e liderança, acreditamos que um professor-pesquisador que não possua formação em administração encontre maiores dificuldades no processo de coautoria. É plausível que esses professores-pesquisadores venham a desenvolver mais publicações no papel de executores do que de gestores. A terceira hipótese, no entanto, enfatiza uma relação positiva entre formação e posição *byline* nas publicações.

Figura 1 – Framework de pesquisa



Fonte: Elaborada pelos autores.

H_1 : A experiência do professor-pesquisador está positivamente relacionada com seu papel de mentor na condução de pesquisas acadêmicas.

H_2 : A liderança em grupos de pesquisa formais do professor-pesquisador está positivamente relacionada com seu papel de mentor na condução de pesquisas acadêmicas.

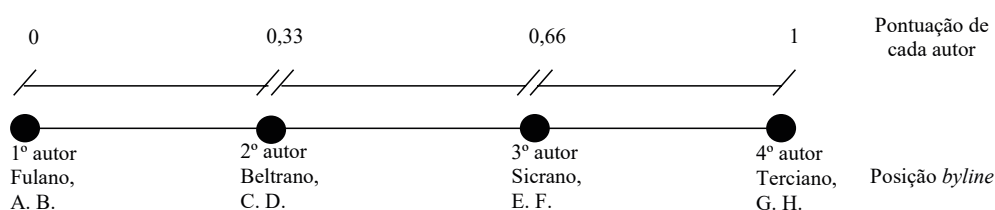
H_3 : A formação em administração do professor-pesquisador está positivamente relacionada com seu papel de mentor na condução de pesquisas acadêmicas em Administração.

MÉTODO

Este trabalho propõe um método de mensuração do *score byline* como uma maneira de averiguar o papel de gestor ou de executor dos autores em uma determinada publicação. Presumindo-se aqui a ideia de que o último autor – nos trabalhos na área da administração – assume o papel de mentoria nessas publicações, a proposta deste

trabalho está baseada no cálculo da distância dos autores de uma publicação em relação ao último autor de cada publicação em periódico. Dessa forma, sempre que o pesquisador for o último autor, ele recebe o valor 1 para essa observação, e sempre que for o executor, o valor zero. Para os casos em que ele for autor intermediário, calcula-se a distância em relação ao último autor. Ou seja, se existem quatro autores numa publicação, por exemplo, e o pesquisador analisado é o terceiro autor, nesse caso seu *score* para essa observação seria 0,66, calculado pela fórmula: $[1 - (\text{distância em relação ao mentor})]$. A distância em relação ao mentor seria igual à fórmula: $[(\text{quantidade de posições } \textit{byline} \text{ em relação ao mentor}) / (\text{quantidade de autores} - 1)]$. Graficamente, pode-se verificar o exemplo de pontuação para um artigo que supostamente teria a seguinte autoria: “Fulano, A. B.; Beltrano, C. D.; Sicrano, E. F. e Terciano, G. H.”.

Figura 2 – Exemplo de distância em relação ao mentor



Essa fórmula de cálculo garante que sempre que o autor for o primeiro ele receba pontuação zero, e toda vez em que ele for o último autor, receba 1 como pontuação naquela produção científica. Com isso, pode-se estabelecer uma pontuação adequada com o objetivo deste estudo, valorizando a presença do autor nas posições extremas, o que não pode ser feito com pontuações diferentes.

Amostra

Esta pesquisa terá como recorte temporal os anos de 2013 e 2014, quando existiam 80 programas de Mestrado e Doutorado em Administração no Brasil. Nestes, 1.370 profissionais faziam parte do quadro de professores, conforme os sites das IES que ofertavam esses programas. Utilizamos uma amostragem de 16 desses programas, excluindo os programas profissionais e focando apenas nos acadêmicos. Dessa amostra foram considerados 329 professores-pesquisadores que compunham o quadro dessas instituições durante a coleta dos dados. Isto totalizou 2.248 artigos científicos de autoria destes 329 professores-pesquisadores publicados em periódicos científicos. No Quadro 2 apresentam-se as instituições que compõem a amostra.

Quadro 2 – Instituições de Ensino Superior da amostra

Sigla	Nome	Sigla	Nome
ESPM	Escola Superior de Propaganda e Marketing	Insper	Insper
Faccamp	Faculdade Campo Limpo Paulista	PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica – SP
FEA-RP	Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto	Umesp	Universidade Metodista de São Paulo
FEA-SP	Universidade de São Paulo – SP	Unimep	Universidade Metodista de Piracicaba
Fecap	Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado	Uninove	Universidade Nove de Julho

FEI	Faculdade de Engenharia Industrial (Centro Universitário FEI)	Unip	Universidade Paulista
FGV-SP	Fundação Getúlio Vargas – SP	UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie
FMU	Faculdades Metropolitanas Unidas	USCS	Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Fonte: Elaborado pelos autores.

Coleta e Análise de Dados

As unidades de análise são as publicações acadêmicas listadas nos currículos Lattes de cada professor-pesquisador da amostra. Para cada publicação foram coletados os seguintes dados: a formação de Graduação, Mestrado e Doutorado; a experiência em anos a partir do ano de doutoramento com relação à publicação; a atuação ou não como líder em grupo de pesquisa; a quantidade de autores da publicação; e o *score byline* de ordenação autoral do professor-pesquisador na publicação.

Os dados relativos à liderança em grupos de pesquisa foram coletados na plataforma Lattes e verificados no diretório de grupos de pesquisa do CNPq. Caso ele seja o líder de qualquer um desses grupos aos quais ele pertence, esse pesquisador receberá o valor 1, e, em caso negativo, o valor zero em todas as suas publicações listadas na amostra. Trata-se, portanto, de uma variável *dummy* para se mensurar se o pesquisador assume um papel de líder de grupo de pesquisa ou não.

Para a formação acadêmica, foram coletados dados referentes à formação acadêmica (Graduação, Mestrado e Doutorado) de cada um dos integrantes da amostra. Para a mensuração da formação acadêmica em administração criou-se uma variável *dummy*, na qual o indivíduo recebeu o valor 1 caso tivesse qualquer formação em administração e zero caso ele tivesse formação em outra área diversa.

Por fim, para o cálculo das estatísticas inferenciais referente às hipóteses, utilizamos a técnica multivariada de regressão linear. Trata-se do método adequado para se calcular uma relação entre duas ou mais variáveis, sendo uma delas como variável dependente na relação (experiência, liderança e formação como variáveis independentes e *score byline* como variável dependente), tal como propõe Hair *et al.* (2006).

RESULTADOS

Foram analisados 329 professores-pesquisadores para este trabalho. Descritivamente, 68,9% (n=227) dos professores-pesquisadores pertencentes à amostra deste estudo são graduados em administração. Nove professores-pesquisadores foram desconsiderados na amostragem por não apresentarem currículo Lattes ou não terem seus respectivos currículos atualizados com dados recentes – de 2014 até o período de coleta das amostras desta pesquisa. Em acréscimo, outros 23 professores não apresentaram publicação no período da pesquisa e não foram considerados na amostra final. Foram coletadas 2.256 publicações no período de 2013 e 2014, o que apresenta uma média de 6,86 artigos publicados no período dos dois anos para cada professor-pesquisador. A quantidade média de autores por artigo da amostra é 3,18.

Na Tabela 1 é possível observar os dados quantitativos das amostras levantadas para esta pesquisa. Foram considerados para esta Tabela os indicadores de Instituição de Ensino Superior do professor-pesquisador (IES), a média de experiência como doutor (em anos), a quantidade de artigos no biênio pesquisado (2013 e 2014), a média de autores por artigo em cada uma de suas publicações (em número de autores), a posição *byline* média desses professores-pesquisadores em suas publicações no biênio pesquisado e a média final do *score byline* dos professores-pesquisadores da amostra.

Tabela 1 – Análise descritiva das amostras

IES	Média de Experiência	Artigos no biênio	Média de Autores/ Artigo	Média de Posição <i>byline</i>	Média de Score final
ESPM	10,3	89	3,07	2,29	0,65
Faccamp	15,3	53	2,53	1,58	0,39
FEA-RP	12,0	288	3,10	2,21	0,58
FEA-SP	24,1	367	3,30	2,53	0,71
Fecap	11,7	37	3,25	1,94	0,37
FEI	13,4	65	2,95	1,92	0,46
FGV-SP	14,9	224	2,70	1,95	0,58
FMU	14,0	100	2,94	2,01	0,44
Insper	11,8	89	4,32	1,95	0,43
PUC-SP	24,0	91	2,54	1,78	0,42
Umesp	8,6	45	2,84	2,02	0,53
Unimep	12,7	176	3,89	2,55	0,55
Uninove	12,9	331	3,30	2,19	0,55
Unip	17,5	65	3,22	1,95	0,41
UPM	17,7	99	2,68	1,89	0,62
USCS	13,5	137	3,44	2,61	0,70
Total Geral	15,5	2256	3,18	2,20	0,57

Fonte: Elaborada pelos autores.

No geral, os números mostram que a experiência média dos 329 professores-pesquisadores da amostra desta pesquisa é de 15,5 anos como doutor. O número de artigos publicados no biênio por esses professores-pesquisadores foi de 2.256 artigos, uma média de 6,86 artigos por professor-pesquisador. A média de autores nesses artigos foi de 3,18 pesquisadores, cuja posição *byline* dos professores-pesquisadores desta pesquisa foi, em média, na casa de 2,2. Como resultado, o *score byline* médio da amostragem dos 329 professores foi de 0,57, o que indica uma maior inclinação para a gestão de pesquisas do que para execução de pesquisas.

Optamos por excluir a constante para realizar a regressão linear desta amostragem com o intuito de apresentar dados homoscedásticos, buscando uma variação idêntica e o número de professores-pesquisadores passou a ser de 305, considerando-se professores-pesquisadores formados com até 8 anos de experiência e a partir de 13 anos de experiência. Esta redução justifica-se pela necessidade de se criar uma *dummy* de zero e 1 para que os grupos de mais experientes e menos experientes pudessem ser

analisados estatisticamente. Na Tabela 2, a seguir, apresentam-se as estatísticas descritivas da amostragem da pesquisa, em que foram consideradas a média, mediana, o desvio padrão, a variância e valores mínimo e máximo.

Tabela 2 – Estatísticas Descritivas

		Estatísticas			
		EXPERIÊNCIA	FORMAÇÃO	LIDERANÇA	SCORE
N	Válido	305			
	Ausente	0			
	Média	0,72	0,96	0,56	0,57
	Mediana	1	1	1	0,6
	Desvio Padrão	0,45	0,66	0,50	0,26
	Variância	0,20	0,44	0,25	0,07
	Mínimo	0	0	0	0
	Máximo	1	1	1	1

Fonte: Elaborada pelos autores.

Na Tabela 3 são apresentadas as correlações entre as variáveis utilizadas nesta pesquisa. Destaca-se que todas as variáveis da pesquisa apresentam correlação >70% com a variável dependente *score*.

Tabela 3 – Matriz de Correlação

		Correlações ^a			
		SCORE	EXPERIÊNCIA	FORMAÇÃO	LIDERANÇA
Produto-Cruzado Padronizado	SCORE	1,000	.	.	.
	EXPERIÊNCIA	,776	1,000	.	.
	FORMAÇÃO	,785	,659	1,000	.
	LIDERANÇA	,710	,629	,624	1,000
Sig. (1 extremidade)	SCORE	.	,000	,000	,000
	EXPERIÊNCIA	,000	.	,000	,000
	FORMAÇÃO	,000	,000	.	,000
	LIDERANÇA	,000	,000	,000	.
N	SCORE	.	305	305	305
	EXPERIÊNCIA	305	.	305	305
	FORMAÇÃO	305	305	.	305
	LIDERANÇA	305	305	305	.

^a Os coeficientes foram calculados mediante a origem.

Fonte: Elaborada pelos autores.

Também realizamos uma análise de colinearidade para buscar evidências de eventuais situações de multicolinearidade das variáveis da amostra. Dessa forma, foi gerado o *Variance Inflation Factor (VIF)* para cada variável, conforme Tabela 6. Nota-se que todas as variáveis apresentaram VIF abaixo de 2,2, o que demonstra que não há problema de colinearidade entre as variáveis estudadas neste trabalho, conforme Hair *et al.* (2006).

Tabela 4 – Diagnóstico de Colinearidade

			Estatísticas de colinearidade	
			Tolerância	VIF
1	EXPERIÊNCIA		,488	2,048
	FORMAÇÃO		,492	2,030
	LIDERANÇA		,527	1,898

Fonte: Elaborada pelos autores.

A validação das hipóteses, por meio da regressão linear, pode ser verificada na Tabela 5, com B, erros padrão, Betas, valores *t* e *p*-valor.

Tabela 5 – Regressões

Modelo		Coeficientes ^{a,b}							
		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados			Correlações		
		B	Erro Padrão	Beta	t	Sig.	Ordem zero	Parcial	Parte
1	EXPERIÊNCIA	,274	,030	,369	9,173	,000	,776	,467	,258
	FORMAÇÃO	,215	,022	,398	9,940	,000	,785	,496	,279
	LIDERANÇA	,193	,032	,230	5,953	,000	,710	,324	,167

^a Variável Dependente: SCORE, ^b Regressão linear pela origem.

Fonte: Elaborada pelos autores.

A hipótese 1 (H1) que trata a relação entre a experiência e *score byline* nas publicações foi aceita, uma vez que o *score* apresenta diferenças significativas entre um professor-pesquisador com mais ou menos experiência e sua posição autoral ($p < 0,01$), e seu Beta seja significativo em ,369, com *t* de 9,173 e B de ,274. A hipótese 2 (H2), que sugeria uma relação positiva entre liderança e *score byline* foi aceita, resultando em um $p < 0,01$ e valores Beta (,230), *t* (5,953) e B (,193). A hipótese 3 (H3), que prevê uma relação positiva entre formação e *score byline*, foi aceita. Os resultados da regressão linear apresentaram um $p < 0,01$ e valores de Beta (,398), *t* (9,940) e B (,215) significativos.

Como foi observado por meio das análises quantitativas apresentadas, todas as hipóteses foram aceitas, desde a H_1 (a experiência do professor-pesquisador está positivamente relacionada com o seu papel de mentor na condução de pesquisas acadêmicas), quanto a H_2 (a relação entre a experiência do pesquisador e o seu papel de mentor na condução da pesquisa acadêmica ocorre se esse pesquisador é líder em grupo de pesquisas formais) e a H_3 (a relação entre a experiência do pesquisador e o seu papel de mentor na condução da pesquisa acadêmica ocorre se esse pesquisador tem formação em administração). No Quadro 3 há uma síntese das hipóteses e o resultado que elas obtiveram.

Quadro 3 – Síntese dos Resultados

Hipóteses	
H_1 (a experiência do professor-pesquisador está positivamente relacionada com o seu papel de mentor na condução de pesquisas acadêmicas)	Aceita
H_2 (a liderança em grupos de pesquisa formais do professor-pesquisador está positivamente relacionada com seu papel de mentor na condução de pesquisas acadêmicas)	Aceita
H_3 (a formação em administração do professor-pesquisador está positivamente relacionada com seu papel de mentor na condução de pesquisas acadêmicas)	Aceita

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que discutir elementos de posição de autoria de forma descritiva, apontamos diversas implicações sobre a carreira e o desenvolvimento profissional do pesquisador no campo da administração no Brasil. Avança-se, assim, nas discussões e relações que a posição do pesquisador na autoria dos seus trabalhos pode trazer. Embora não tenham sido encontradas propostas metodológicas para se calcular o *score* do pesquisador em suas publicações, a nossa contribuição traz à luz uma discussão sobre a importância de se desenvolver um método para tal cálculo a fim de desenvolver mais pesquisas neste sentido, conforme a visão de Greene (2007).

Métodos de avaliação de desempenho de pesquisadores acadêmicos devem ser realizados conforme o papel que eles assumem e não por meio de critérios universais para todos. Elucidamos essa possibilidade e direcionamos para essa diferenciação. Se existe uma diferença de papéis entre os pesquisadores, aqui explicada pela experiência (tempo de formação) do docente, sua atuação como líder em grupos de pesquisa e sua formação acadêmica, isso deve se refletir nas teorias de avaliação de desempenho de pesquisadores acadêmicos, o que contrapõe a ideia de Kram e Isabella (1985), que ressaltam que não há diferenças de experiência entre os indivíduos de uma pesquisa no caso de relacionamento com seus pares. Dessa forma, o que se propõe é que professores-pesquisadores mais experientes, com formação em administração, e líderes de grupo de pesquisa, de fato têm maior *score* e, portanto, um papel superior de gerenciamento de suas pesquisas acadêmicas. Como eles são diferentes daqueles menos experientes e que não têm formação em administração, é interessante que a avaliação desses profissionais leve em consideração o papel designado à cada um deles, que deve ser formalmente estabelecido e que pode levar ao aumento da produtividade e do potencial de publicação, conforme sugeriram McDowell e Melvin (1983).

Em se tratando da proposta sobre a perspectiva dessas regras para posicionamento de autores em trabalhos científicos, essas poderiam ser estabelecidas de forma mais clara, sem que elementos, como a coerção, deem espaço para distorções de papéis ou funções, mesmo que observadas as pressões institucionais como esclarecido no trabalho de Serra e Ferreira (2015). Ainda que se parta da ideia de que, na maioria dos casos, esse papel está informalmente definido, sendo amoral mudá-lo, ao se explicitar essas instituições reforçamos os cuidados para evitar que tais distorções ocorram. Na ciência brasileira já há movimentos para se definir como pontuar a contribuição de cada

coautoria (PETROIANU, 2002), evitando, assim, questões de conflito ético, por exemplo *gift authorship* (MANTON; ENGLISH, 2006), que geram ausência de mérito do coautor na publicação (CUTAS; SHAW, 2015).

Atualmente, as pontuações sobre pesquisadores feitas quadrienalmente pela Capes, e as demais utilizadas pelas instituições de ensino na área de administração, não diferenciam o autor em sua posição no artigo. Essa postura traz benefícios e desvantagens. O principal benefício é que se evitam comportamentos oportunistas entre os autores na definição de ordem de autoria; a principal desvantagem é que não se diferenciam os esforços distintos de cada autor na realização do trabalho científico. Por outro lado, pode-se sugerir que essa sistemática seja alterada para um sistema no qual a pontuação dos pesquisadores por trabalho publicado seja determinada pela posição relativa do autor dentro do texto. Essa medida também pode trazer vantagens e limitações. Entre as vantagens, se mensura a participação de um pesquisador num trabalho conforme sua real contribuição para o desenvolvimento do mesmo; já as limitações seriam os estímulos aos conflitos entre pesquisadores ao invés de incentivar a harmonia entre eles, que sustente a geração de conhecimento colaborativo, à medida que comportamentos oportunistas, oriundos, principalmente, de relações coercitivas entre os pesquisadores, poderiam pontuar e bonificar pesquisadores de forma não justa. Esta é a nossa posição ao provocarmos, por meio deste artigo, que critérios de mérito em coautoria e ordem de autoria sejam vistos com olhares mais atentos.

Vale afirmar que grandes projetos nos quais existem dezenas ou centenas de autores que não podem ser mensurados para pontuação conforme ordem de autoria, não são inexistentes na área de administração. Acredita-se que, pelo fato de que é raro que uma ciência social tenha esse tipo de projeto de larga escala, este empecilho de grandes projetos não seja ocorrente na administração.

Por fim, devem existir contribuições voltadas ao controle e à transparência sobre a posição das autorias, uma vez que esse pode ser um fator de avaliação do pesquisador, seja por meio de sistemas formais ou mesmo de uma avaliação informal pelos seus pares. É importante que nas diretrizes dos periódicos e nos eventos que recebem submissões de artigos, se deixe claro o que eles esperam a respeito dos critérios para o estabelecimento da ordem de autorias. Isso deve ser algo claro e que deixe pouca (ou quase nenhuma) margem para interpretações distintas. É fato que a falta de presença de diretrizes não estimula a transparência e a ordem sobre o assunto dentro da área de administração no Brasil.

Limitações da Pesquisa

As principais limitações deste trabalho estão baseadas no horizonte da pesquisa com Programas de Pós-Graduação em Administração. O recorte proposto para o Estado de São Paulo foi apenas um limitador de estudo para que se pudessem apresentar resultados a fim de concretizar o futuro de pesquisas neste cenário.

Sobretudo sobre as amostras deste trabalho, há limitações que podem ser elencadas e discutidas neste item e que podem colaborar com estudos futuros acerca desta pesquisa. Inicialmente, podem ser apontadas limitações no campo da base de dados da amostra coletada, que foi o currículo Lattes da plataforma do CNPq. A principal limitação encontrada neste quesito é a confiabilidade das informações incluídas pelos

professores-pesquisadores em seus próprios currículos. O que se destaca aqui é a importância de se confiar no preenchimento e atualização dos currículos Lattes dos professores-pesquisadores analisados no momento da coleta dos dados. Pode haver casos em que o professor-pesquisador não havia incluído dados atualizados no momento da coleta e o fez posteriormente, tendo sido esta, então, uma limitação importante a ser considerada.

Outra limitação, não menos importante, é a confiabilidade no preenchimento das posições autorais no *byline* de cada artigo, principalmente quando se trata da conferência das posições dos autores no *byline* dos artigos científicos apontados em cada um dos currículos Lattes dos professores-pesquisadores. Assim, um professor-pesquisador pode ter, de maneira errônea e acidentalmente, incluído os nomes em uma ordem e a revista na qual foi publicado o artigo apresenta uma ordem diversa àquela comunicada pelos professores-pesquisadores em seus currículos Lattes. Dessa forma, a limitação neste quesito fica por conta da validação dos dados de cada artigo apontada nos currículos Lattes, para que seja possível aumentar o grau de confiabilidade da base de dados proposta para esta pesquisa, e ainda espera-se que os professores-pesquisadores façam o preenchimento de seus próprios currículos Lattes de forma correta e fidedigna com a realidade de suas publicações. Para que fosse possível assegurar o uso dessa base de dados, no entanto, foram selecionados os programas da FEA-USP e também da Eaesp-FGV para realizar essa validação entre os dados coletados no Lattes dos professores-pesquisadores, e sua validade confrontada com o *byline* nas revistas em que os artigos científicos foram publicados, podendo-se constatar que os erros não são significativos para este método de coleta, sendo quase inexistentes, gerando uma suposta confiabilidade nos dados coletados.

Como recomendação para estudos futuros acerca da temática proposta, sugerimos que seja realizado um trabalho com um maior número de amostras para a pesquisa com os demais programas de Pós-Graduação do Brasil, a fim de validar ou não os nossos resultados. É interessante, também, propor uma comparação entre resultados nacionais com os de outros países, quando o papel do pesquisador é mais bem definido. Isso permitirá obter bases de comparação para saber qual é a herança nacional e quais os rumos que nossa academia científica assume sobre o papel dos seus pesquisadores.

REFERÊNCIAS

- AAD, G. *et al.* Search for the standard model Higgs Boson in the Diphoton decay channel with 4.9 of pp collision data at $\sqrt{s} = 7$ TeV with ATLAS. *Physical Review Letters*, 108, p. 111.803, 2012.
- ACEDO, F. J.; BARROSO, C.; CASANUEVA, C.; GALÁN, J. L. Co-authorship in management and organizational studies: an empirical and network analysis. *Journal of Management Studies*, v. 43, n. 5, p. 954-983, 2006.
- ALBERT, T.; WAGER, E. How to handle authorship disputes: a guide for new researchers. *COPE report*. 2003. Available from: <http://publicationethics.org/files/2003pdf12.pdf>.
- BARUCH, Y.; HALL, D. T. The academic career: a model for future careers in other sectors? *Journal of Vocational Behavior*, v. 64, n. 2, p. 241-262, 2004.
- BEAVER, D. B.; ROSEN, R. Studies in scientific collaboration. Part II: scientific co-authorship, research productivity and visibility in the French scientific elite, 1799-1830. *Scientometrics*, v. 1, v. 2, p. 133-149, 1979.
- BENNETT, D. M.; TAYLOR, D. M. Unethical practices in authorship of scientific papers. *Emergency Medicine (Freemantle)*, v. 15, n. 3, p. 263-270, 2003.
- BIRNHOLTZ, J. P. What does it mean to be an author? The intersection of credit, contribution, and collaboration in Science. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 57, n. 13, p. 1.758-1.770, 2006.

- BOŠNJAK, L.; MARUŠIĆ, A. Prescribed practices of authorship: review of codes of ethics from professional bodies and journal guidelines across disciplines. *Scientometrics*, v. 93, n. 3, p. 751-763, 2012.
- COSTAS, R.; BORDONS, M. Do age and professional rank influence the order of authorship in scientific publications? Some evidence from a micro-level perspective. *Scientometrics*, v. 88, n. 1, p. 145-161, 2011.
- CRONIN, B. Collaboration in art and in Science: Approaches to attribution, authorship, and acknowledgment. *Information & Culture*, v. 47, n. 1, p. 18-37, 2012.
- CUTAS, D.; SHAW, D. Writers blocked: on the wrongs of research co-authorship and some possible strategies for improvement. *Science and Engineering Ethics*, v. 21, n. 1, p. 1.315-1.329, 2015.
- DU, J.; ZHANG, B.; LI, Y. A causal analysis of scholars' years of active academic careers vis-à-vis their academic productivity and academic influence. *Chinese Journal of Library and Information Science*, n. 4, p. 77-91, 2011.
- DUCTOR, L. Does co-authorship lead to higher academic productivity? *Oxford Bulletin of Economics and Statistics*, v. 77, n. 3, p. 385-407, 2015.
- FERREIRA, M. P. *Pesquisa em Administração e ciências sociais aplicadas*. Um guia para publicação de artigos acadêmicos. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- GAZNI, A.; SUGIMOTO, C. R.; DIDEGAH, F. Mapping world scientific collaboration; authors, institutions, and countries. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 63, n. 2, p. 323-335, 2012.
- GOLLOGLY, L.; MOMEN, H. Ethical dilemmas in scientific publication: pitfalls and solutions for editors. *Revista de Saúde Pública*, n. 40, p. 24-29, 2006.
- GONTIJO, B.; VALE, E. C. S.; MARQUES, S. A. A autoria e seus critérios. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, v. 82, n. 6, p. 497. 2007.
- GREENE, M. The demise of the lone author. *Nature*, n. 450, p. 1.165, 2007.
- HAIR, J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. *Multivariate data analysis* (Vol. 6). 2006.
- HART, R. L. Co-authorship in the academic library literature: a survey of attitudes and behaviors. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 26, n. 5, p. 339-345, 2000.
- HUDSON, J. Trends in multi-authored papers in economics. *Journal Economics Perspectives*, n. 10, p. 153-158, 1996.
- ICMJE. International Committee of Medical Journal Editors. Uniform requirements for manuscripts submitted to biomedical journals. 2010. Available from: www.icmje.org. Instrumentation, 3, S08003.
- JEONG, S.; CHOI, J. Y.; KIM, J. The determinants of research collaboration modes: exploring the effects of research and researcher characteristics, on co-authorship. *Scientometrics*, n. 89, p. 967-983, 2011.
- JIAN, D.; XIAOLI, T. Perceptions of author order versus contribution among researchers with different professional ranks and the potential of harmonic counts for encouraging ethical co-authorship practices. *Scientometrics*, v. 96, n. 1, p. 277-295, 2013.
- KRAM, K. E.; ISABELLA, L. A. Mentoring alternatives: the role of peer relationships in career development. *Academy of Management Journal*, v. 28, n. 1, p. 110-132, 1985.
- KWOK, L. S. The White Bull effect: Abusive coauthorship and publication parasitism. *Journal of Medical Ethics*, n. 31, p. 554-556, 2005.
- LEAHEY, E.; BECKMAN, C. M.; STANKO, T. L. Prominent but less productive: the impact of interdisciplinarity on scientists' research. *Administrative Science Quarterly*, v. 62, n. 1, p. 105-139, 2016.
- LEE, S.; BOZEMAN, B. The impact of research collaboration on scientific productivity. *Social Studies of Science*, v. 35, n. 5, p. 673-702, 2005.
- LI, E. Y.; LIAO, C. H.; YEN, H. R. Co-authorship networks and research impact: a social capital perspective. *Research Policy*, v. 42, n. 9, p. 1.515-1.530, 2013.
- LISSONI, F.; MAIRESSE, J.; MONTOBBIO, F.; PEZZONI, M. Scientific productivity and academic promotion: a study on French and Italian physicists. *Industrial and Corporate Change*, v. 20, n. 1, p. 253-294, 2011.
- LIU, C.; OLIVOLA, C.; KOVACS, B. Co-authorship trends in the field of Management: facts and perceptions. *Academy of Management Learning & Education*, v. 15, n. 4, 2016.
- LIU, X. Z.; FANG, H. Scientific group leaders' authorship preferences: An empirical investigation. *Scientometrics*, 98(2), p. 909-925, 2014. 10.1007/s11192-013-1083-8
- LOUIS, K. S.; HOLDSWORTH, J. M.; ANDERSON, M. S.; CAMPBELL, E. G. Everyday ethics in research: translating authorship guidelines into practice in bench sciences. *Journal of Higher Education*, v. 79, n. 1, p. 88-112, 2008.

- MANTON, E. J.; ENGLISH, D. E. Reasons for co-authorship in business journals and extent of guest or gift authorship. *Delta Pi Epsilon Journal*, v. 48, n. 2, p. 86-95, 2006.
- MANTON, E. J.; ENGLISH, D. E. The trend toward multiple authorship in Business journals. *Journal of Education for Business*, v. 82, n. 3, p. 164-168, 2007.
- MATTSSON, P.; SUNDBERG, C. J.; LAGET, P. Is correspondence reflected in the author position? A bibliometric study of the relation between corresponding author and byline position. *Scientometrics*, v. 87, n. 1, p. 99-105, 2011.
- MCDOWELL, J. M.; MELVIN, M. The determinants of co-authorship: an analysis of the Economics literature. *The Review of Economics and Statistics*, v. 65, n. 1, p. 155-160, 1983.
- MELIN, G. Pragmatism and self-organization: research collaboration on the individual level. *Research Policy*, v. 29, n. 1, p. 31-40, 2000.
- MELIN, G.; PERSSON, O. Studying research collaboration using co-authorships. *Scientometrics*, v. 36, n. 3, p. 363-377, 1996.
- PETROIANU, A. A autoria de um trabalho científico. *Revista da Associação Brasileira de Medicina*, v. 48, n. 1, p. 60-65, 2002.
- RENNIE, D.; YANK, V.; EMANUEL, L. When authorship fails: a proposal to make contributors accountable. *Journal of the American Medical Association*, v. 278, n. 7, p. 579-585, 1997.
- RUTLEDGE, R. W.; KARIM, K. E.; REINSTEIN, A. What factors influence the number of coauthors in the published research of the most productive authors in Accounting literature? A long-term study. In: ARNOLD, V. (org.). *Advances in Accounting Behavioral Research*. Bingley: Emerald Publishing, 2011. V. 14.
- SEIBERT, S. E.; KACMAR, K. M.; KRAIMER, M. L.; DOWNES, P. E.; NOBLE, D. The role of research strategies and professional networks in Management scholars' productivity. *Journal of Management*, 2014.
- SERRA, F. A. R.; FERREIRA, M. A. S. P. V. Comentário editorial. A importância da coautoria e a escolha dos coautores. *Revista Ibero-Americana de Estratégia – RIAE*, v. 14, n. 4, 2015.
- SMITH, J. Gift authorship: a poisoned chalice? *British Medical Journal*, v. 309, n. 6.967, p. 1.456-1.457, 1994.
- STUBBS, C. The serious business of listing authors. *Nature*, n. 388, p. 320, 1997.
- UDDIN, S.; HOSSAIN, L.; ABBASI, A.; RASMUSSEN, K. Trend and efficiency analysis of co-authorship network. *Scientometrics*, v. 90, n. 2, p. 687-699, 2012.
- VINTHER, S.; ROSENBERG, J. Appearance of ghost and gift authors in Ugeskrift for Laeger and Danish Medical Journal. *Danish Medical Journal*, v. 59, n. A4455, 2012.
- WALTMAN, L. An empirical analysis of the use of alphabetical authorship in scientific publishing. *Journal of Infometrics*, v. 6, n. 4, p. 700-711, 2012.
- WREN, J. D.; KOZAK, K. Z. The write position. A survey of perceived contributions to papers based on byline positions and number of authors. *Embo reports*, v. 8, n. 11, p. 988-991, 2007.
- WREN, J. D.; KOZAK, K. Z.; JOHNSON, K. R. The write position. A survey of perceived contributions to papers based on byline position and number of authors. *Embo Reports*, n. 8, p. 988-991, 2007.
- ZBAR, A.; FRANK, E. M. D. Significance of authorship position: an open-ended international assessment. *American Journal of Medical Sciences*, v. 341, n. 2, p. 106-109, 2011.
- ZUCKERMAN, H. Nobel laureates in science: Patterns of productivity, collaboration, and authorship. *American Sociological Review*, v. 32, n. 3, p. 391-403, 1967.